

- § 1º — A fim de alcançar os objetivos discriminados no presente artigo o C.E.J. além de projetos próprios desenvolvidos por seus órgãos de pesquisa, poderá efetuar acordos com entidades públicas e particulares, nacionais e estrangeiras, bem como estabelecer convênios com órgãos da U.S.P., no espírito das letras a, b e f, sempre que respeitarem as normas estatutárias da U.S.P.
- § 2º — Para atender seus propósitos e indo ao encontro do item 11 do convênio de cooperação entre a U.S.P. e o Ministério das Relações Exteriores, o C.E.J. encontrar-se-á com a Coordenadoria de Atividades Culturais — CODAC — oferecendo seus programas de atividades a este órgão e com ele se relacionando em assuntos comuns.

Desde a sua aprovação, o Centro Interdepartamental ficou vinculado aos Departamentos de Lingüística e Línguas Orientais, Filosofia, História, Geografia e Ciências Sociais, o que permitiu a ampliação e o enriquecimento de suas atividades.

Poderíamos alongar-nos muito mais a respeito do papel e da contribuição do Prof. Eurípedes Simões de Paula para a criação do Centro de Estudos Judaicos, mas parece-nos suficiente recordar estes poucos elementos acima mencionados, para termos uma idéia do quanto devemos a ele e do quanto a sua perda nos aflige.

*

UMA GRANDE REALIZAÇÃO: A "REVISTA DE HISTÓRIA"

Odilon Nogueira de Matos

Em a nota de abertura do presente fascículo citei a **Revista de História** como sendo uma das duas grandes realizações de Eurípedes Simões de Paula que de perto acompanhei e que, inequivocamente, veio a constituir seu maior legado. Para mim, é particularmente grato recordar o seu início. Foi em fins de 1 949 ou já em princípios de 1 950, a data exata pouco importando no caso. Simões de Paula ocupava interinamente a diretoria da Faculdade de Filoso-

fia da Universidade de São Paulo, essa mesma diretoria para a qual seria eleito daí a alguns meses e na qual permaneceria durante oito anos de fecunda e heróica administração, para a qual retornaria em outras ocasiões difíceis e na qual se encontrava novamente ao falecer em fins de 1977. Como secretário da instituição, tinha com ele contacto diário. Uma tarde, já ao encerrar-se o expediente, na costumeira indagação de diretor para secretário, perguntou-me se não havia algum papel para despacho. Milagre dos milagres, naquele dia não havia ! Convidou-me então o “velho” amigo e companheiro a dar-lhe uma mãozinha na correção das provas do primeiro número da revista que ele idealizara e realizara à custa de uma dedicação sem par e sobre a qual, meses antes, havíamos conversado demoradamente enquanto descíamos a escadaria da velha Escola Normal da Praça da República, em cujo terceiro andar estava, então, instalada a Faculdade de Filosofia. Agora, já em novas instalações da Rua Maria Antônia, víamos a tão sonhada **Revista de História** tomar corpo.

Embora na época estivesse inteiramente afastado do magistério, apenas ocupando relevante cargo administrativo na Faculdade de Filosofia, teve o diretor da **Revista de História** a nímia gentileza de incluir meu nome entre os ilustres componentes de sua comissão de redação. Minha colaboração para esse primeiro número havia sido bem pequena: apenas um ligeiro artigo sobre a Revolução Praieira de 1848, escrito mais com o objetivo de chamar a atenção para alguns pontos de vista expendidos pelo historiador pernambucano Amaro Quintas num trabalho elaborado como tese de concurso, portanto de publicação restrita e apenas muito mais tarde divulgado em edição comercial. Em números subsequentes colaborei mais algumas vezes, sempre com trabalhos modestos, às vezes simples resenhas bibliográficas, mas, apesar disto, a gentileza de Simões de Paula persistiu fazendo com que meu nome continuasse figurando na contracapa da revista, o que me valeu, diga-se de passagem, excelente credencial, como tive a prova em mais de uma ocasião.

Desde o início, fiel ao programa exposto naquele primeiro número publicado em março de 1950, duas características constituíram a dominante na orientação impressa à revista: seu caráter eclético, que a levou a interessar-se por todas as áreas da cultura histórica e o espírito aberto que a levou sempre a abrir suas páginas a qualquer colaboração julgada de interesse, embora às vezes de valor muito desigual, como não poderia deixar de ser, e independentemente de ideologias ou cores políticas ou religiosas de seus signatários. Lembro-me de que certa vez o saudoso Professor Émile G. Léonard, que havia elaborado extenso trabalho sobre o Protestantismo no Brasil, perguntou-me se a

Revista de História acolheria em suas páginas o alentado trabalho. Não havia sequer conversado com Eurípedes, mas, conhecendo-o bem, julguei-me autorizado a dar ao grande historiador francês uma resposta afirmativa. Realizados os necessários entendimentos com o diretor da revista, foi o extenso estudo de Leónard publicado ao longo de doze ou treze números. Outros casos como esse poderiam ser citados.

O Programa com que a **Revista de História** apresentou-se ao público é bem significativo quanto aos propósitos da publicação: “O seu objetivo precípua é oferecer aos estudiosos uma oportunidade de divulgação sistemática e mais ou menos ampla dos trabalhos e das pesquisas que o amor ao estudo e a dedicação ao magistério universitário propiciam e orientam. Mas a **Revista** quer também outra finalidade: quer ser o traço-de-união entre a Faculdade e os professores de História do ensino normal e secundário. Para isso pretende fornecer-lhes bibliografias sempre atualizadas, interpretações novas de fatos históricos em geral, resenhas críticas de obras recentes, comentários desapassionados à margem de assuntos controvertidos e documentos antigos devidamente estudados. Tudo, enfim, quanto possa obviar, em parte, as naturais deficiências das bibliotecas existentes no interior do Estado”.

E com aquela modéstia que sempre o caracterizou: “Escusado será dizer que não pretendemos, de forma alguma, competir com as publicações especializadas já existentes no país e, principalmente, com as que se dedicam aos estudos de História Pátria; pretendemos, isto sim, merecer um modesto lugar entre elas, dando publicidade a trabalhos que provavelmente não poderiam ser acolhidos em suas páginas, à vista das exigências muito razoáveis da especialização, às quais devem subordinar-se.

Compreendendo a História como ciência do homem, segundo o conceito de Lucien Febvre, estamos certos de que não nos faltará também o apoio de quantos, no âmbito universitário ou fora dele, cuidem de assuntos de fundo histórico. A largueza de nosso campo de ação permitirá, sem dúvida, o acolhimento de trabalhos de quaisquer setores da História: econômico, social, político, religioso, literário, filosófico e científico.

Para sintetizar tão largo programa, precisávamos, evidentemente, para a nossa revista de um designativo capaz de afastar desde logo qualquer preocupação restritiva. E foi graças à gentileza do nosso eminente colega, Prof. Fidelino de Figueiredo, que pudemos satisfazer inteiramente nossos desejos, adotando a denominação **Revista de História**. Consentiu o ilustre professor que retomássemos o prestigioso título de uma sua antiga publicação

(1 912 – 1 928), e nós, congratulando-nos com isso, tomá-la-emos como modelo da nossa, pondo desde já ao serviço de todos os Homens de Boa Vontade, a nova **Revista de História**”.

“Precisa-se dizer mais ?” indagou o Prof. Dr. José Sebastião Witter ao comentar esse programa no excelente artigo que publicou em **Ciência e Cultura**, pouco após o falecimento de Eurípedes Simões de Paula. Creio que, de fato, não se precisa dizer mais nada para conhecer o espírito e os propósitos que orientaram Simões de Paula ao produzir durante mais de um quarto de século aquela que se tornou sua maior obra: a **Revista de História**. O programa do número inicial foi fielmente cumprido no seu espírito e nos seus propósitos. Suas páginas foram sempre franqueadas a todos os estudiosos que tivessem o que publicar, longe de ser, como de comum acontece em casos similares, uma publicação fechada, restrita aos amigos e colegas do Departamento. Ao contrário, muitos e muitos volumes foram publicados sem uma colaboração sequer do próprio Departamento de História. E com grande frequência de colaboradores estrangeiros, pois a revista alcançou desde logo projeção internacional, recebendo valiosas contribuições dos mais diversos países. E a revista que seu criador, com incrível modéstia, dizia não pretender competir com outras publicações similares do país, mas apenas merecer “um modesto lugar entre elas”, afirmou-se desde logo como a mais importante publicação no gênero existente no Brasil e uma das mais importantes do mundo, ombreando-se, isto sim, com antigas e prestigiosas revistas européias ou norte-americanas. Os 112 números publicados (os dois últimos, infelizmente, não chegaram a ser vistos por Eurípedes, que os deixara prontos para a impressão) revelam a mais variada gama de interesses em torno do que pode servir aos estudos históricos. Tal como foi prometido no programa do número inicial, em março de 1 950...

Mais ainda: como complemento à sua tarefa, criou Eurípedes Simões de Paula uma coleção especial — denominada simplesmente **Coleção da Revista de História** — reunindo separatas dos trabalhos mais volumosos primeiramente publicados nas páginas da revista. Com o tempo, a coleção passou a acolher também trabalhos não necessariamente publicados na revista, como os diversos volumes dos **Anais dos Simpósios da Associação Nacional dos Professores Universitários de História** (do quarto ao oitavo simpósio), num total de doze alentados tomos. Consta a **Coleção Revista de História** de mais de setenta volumes, cujos títulos o leitor encontrará após esta nota.

Com a morte de Eurípedes Simões de Paula, a **Revista de História** passará a ser editada, segundo estou informado, pelo próprio Departamento

de História da Universidade de São Paulo. É grande a herança e maior ainda a responsabilidade. Mas, integrado por elementos do mais alto valor nos mais variados setores da cultura histórica, espera-se que o Departamento de História prosiga na tarefa que lhe foi legada e possa fazer com que a obra de Simões de Paula não pereça, que ela continue circulando com a periodicidade e a regularidade com que nos habituamos nos 27 anos em que seu grande fundador esteve à sua frente.

*

COLEÇÃO REVISTA DE HISTÓRIA

(Obs.: Houve alguns enganos na numeração dos volumes da coleção. Assim, por exemplo, dois volumes receberam o nº 27, e outros dois o nº 40. Excusas pelas lacunas, pois o pedido de informações que a respeito dirigimos à secretaria da Revista, infelizmente não foi atendido).

1. J. Cruz Costa — Augusto Comte e as origens do Positivismo. (1951).
2. Lívio Teixeira — Nicolau de Cusa: estudo dos quadros históricos em que se desenvolveu o seu pensamento e análise dos livros I e II do “De Docta Ignorantia” (1951).
3. Gustavo de Freitas — A Companhia Geral do Comércio do Brasil (1951).
4. Pedro Moacyr Campos — A idealização de Roma e sua aceitação pelos cristãos (1952).
5. Raul de Andrada e Silva, Odilon Nogueira de Matos e Pasquale Petrone: A Evolução Urbana de São Paulo (1955).
6. Osmani Emboaba — História da Fundação de Ribeirão Preto (1955).
7. José van den Besselaar — Introdução aos Estudos Históricos (1955).
8. Vitorino Magalhães Godinho — O Mediterrâneo Saariano e as caravanas do ouro (1956).
9. Otto A. Piper — A Interpretação Cristã da História (1957).
10. José van den Besselaar — As interpretações da História, através dos séculos, vol. I (1958).
11. Álvaro da Veiga Coimbra — Noções de Numismática, vol. I (1958).
12. Tomás Oscar Marcondes de Sousa — Algumas achegas à história dos descobrimentos marítimos (1958).
13. José van den Besselaar — As interpretações da História através dos séculos, vol. II (1958).
14. Myriam Ellis — Aspectos da pesca da baleia no Brasil colonial (1958).